



www.educardpaschoal.org.br

"O futuro pertence àqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos."

Eleanor Roosevelt

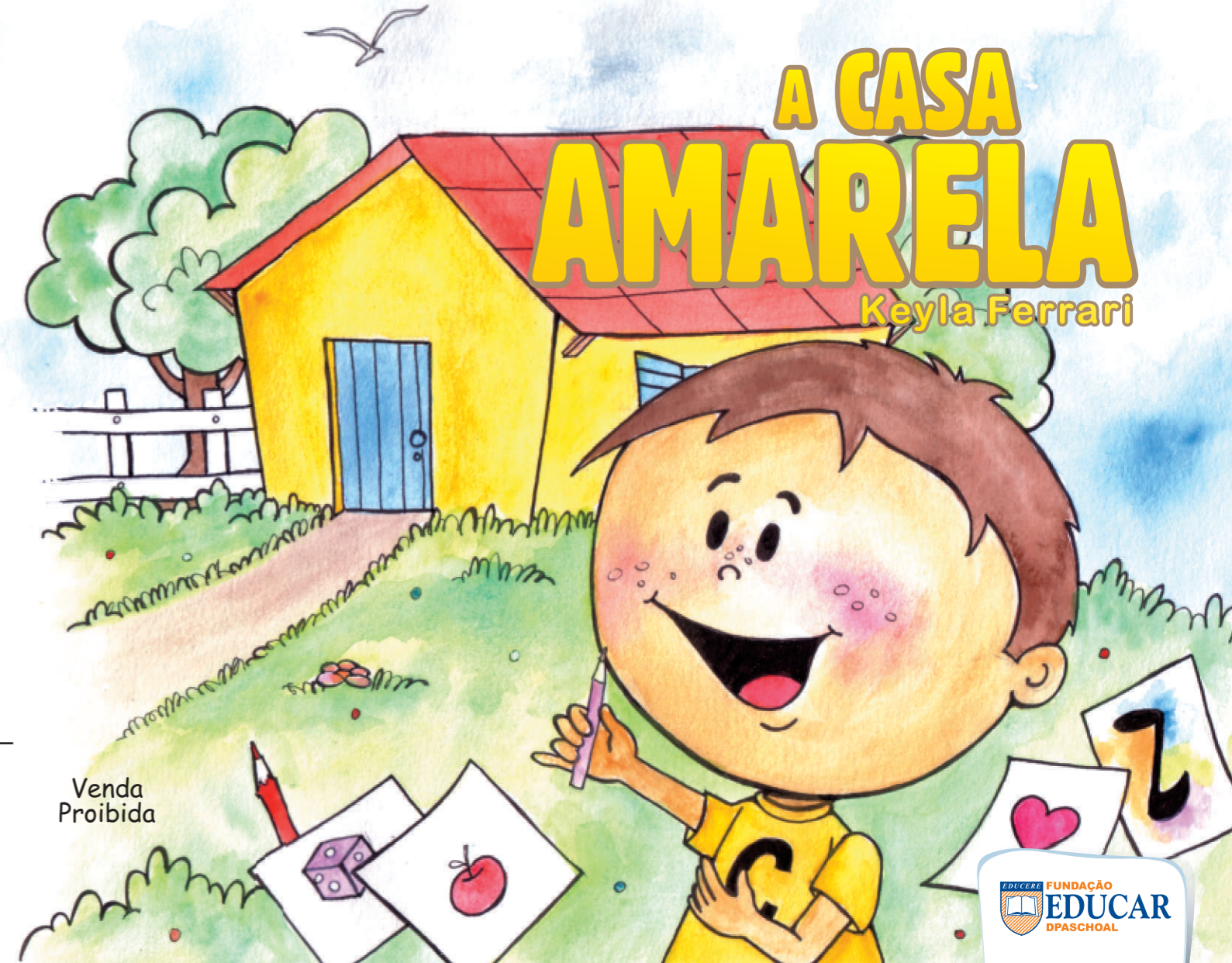


Agradecemos aos parceiros que investem em nosso projeto.

ISBN: 978-85-7694-206-1



9 788576 942061



A CASA AMARELA

Keyla Ferrari

Venda Proibida



Autora
Keyla Ferrari

Coordenação editorial
Sílvia N. Martins Prado

Revisão de texto
Katia Rossini

Ilustração,
Projeto gráfico e diagramação
Pandora Estúdio
www.pandora.art.br

Realização
Fundação Educar DPaschoal
www.educardpaschoal.org.br
F: (19) 3728-8129

Deloitte.

A tiragem e a prestação de conta referentes a esta publicação foram conferidas pela Deloitte.



Esta obra foi impressa na Gráfica Editora Modelo Ltda. em papelcartão Art Premium Tech e papel Couché Suzano Matte, ambos produzidos pela Suzano Papel e Celulose a partir de florestas renováveis de eucalipto. Cada árvore foi plantada para este fim. Esta é a 1ª edição, datada de 2008 com tiragem de 12.000 exemplares.

Agradecemos aos nossos parceiros a colaboração na distribuição destes livros: Argius Transportes Ltda., Atlas Translog, Hiperion Logística, Reunidas Catarinense, RTE Rodonaves, Transportadora Capivari Ltda., Transportadora JPN Ltda., TRN Pavan.

Sobre a Fundação Educar DPaschoal

A Fundação Educar DPaschoal foi criada em 1989 para dar suporte aos investimentos do grupo DPaschoal em programas de estímulo à leitura e de educação, tendo sempre como objetivo promover a educação para a cidadania como estratégia de transformação social. Atualmente, são três os projetos desenvolvidos pela Fundação.

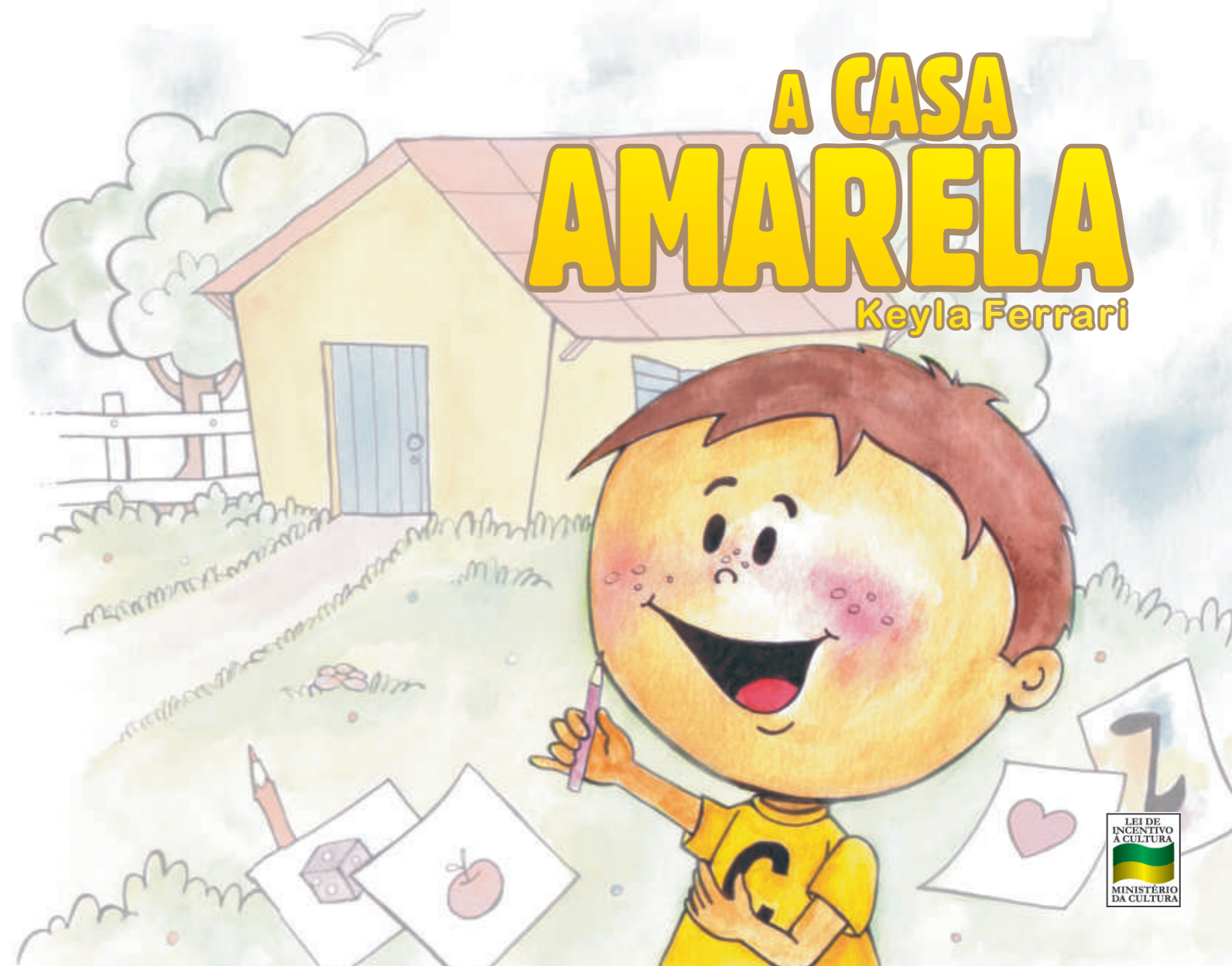
Por meio do projeto *Leia Comigo!*, utilizando recursos próprios e de outras empresas através da Lei Rouanet, produz e distribui gratuitamente livros educativos para crianças e adolescentes, já tendo distribuído mais de 30 milhões de exemplares, em todo o Brasil.

Com a Academia Educar, promove a formação de núcleos de Protagonistas Juvenis em escolas públicas, criando oportunidades para que o jovem descubra em si o potencial que o torna capaz de transformar sua realidade.

O Trote da Cidadania incentiva e premia universitários de todo o Brasil a promover ações sociais com os calouros, visando a substituir o trote humilhante ou violento.

Ao desenvolver esses projetos, procurando contar sempre com valiosas parcerias, a DPaschoal deseja, cada vez mais, dar sua contribuição à sociedade em sua caminhada pela educação e pela cidadania.

Conteúdo adequado a nova ortografia da língua portuguesa.



Cauã é um garoto de 11 anos que mora numa linda casinha amarela. Filho de seu Alceu e dona Bela, Cauã gosta muito de conversar, jogar bola e fazer desenhos. Ele desenha o rosto das pessoas e tudo o que ele acha bonito, pois é muito esperto e observador.

Mas nem sempre Cauã foi assim.



Quando ele era bem pequeno, não aprendeu a falar como as outras crianças. Quando sua mãe o chamava, ele não respondia e não brincava com a vizinha, a Bia.

Quando queria uma coisa, não sabia como pedir — chorava e apontava. Seu pai achava que ele nunca iria se comunicar, brincar com as outras crianças, ou aprender a ler. Por isso, seu Alceu, Cauã e dona Bela viviam aborrecidos na casinha amarela, sem brincar e quase sem conversar.

Até que, um dia, dona Bela e Cauã foram conhecer o doutor Luís, um médico otorrino, isto é, ele cuida do nosso ouvido, garganta e do nosso nariz. Ele era muito bacana e fez alguns exames... Finalmente, descobriu que o Cauã não podia escutar os sons do nosso dia-a-dia e da fala. Ele vive num mundo sem som, nasceu surdo, e, neste mundo de silêncio, muitas dificuldades precisam ser superadas.



O doutor Luís ainda explicou que, hoje em dia, a surdez pode ser descoberta bem cedo, assim que o bebê nasce, através do "teste da orelhinha".

Cauã teve, sim, muitas dificuldades para superar. Quando começou ainda pequenino na escola, percebeu que a professora, tia Rosa, mexia a boca de maneira muito engraçada, e ele não conseguia aprender e falar as letrinhas que ela ensinava. Queria ficar apenas desenhando as coisas de que mais gostava. Seus desenhos eram sempre em branco-e-preto... Não havia cores.

Um dia, em comemoração ao mês das crianças, o mímico Sílvio foi fazer uma apresentação na escola, e só então Cauã começou a mostrar que podia compreender a linguagem dos gestos.



Ele até fez um desenho do mímico Sílvio, com seu nariz grande de palhaço. Isso chamou a atenção da professora Rosa.

A pedido da tia Rosa, ele e sua mãe foram visitar a fonoaudióloga Mônica, uma profissional que cuida da voz e ensina as pessoas com dificuldades a pronunciar os sons da fala. Ela pôde encontrar uma nova maneira de ensinar Cauã a se comunicar com as pessoas e começar a dar significado a todas as coisas que ele via, mas não entendia.

A fono Mônica atendia numa instituição onde ele conheceu outras crianças que também eram surdas. Algumas ficaram surdas bem pequeninas, após terem aprendido a falar. Tinha também aquelas que podiam escutar um pouco e usavam um aparelhinho no ouvido...

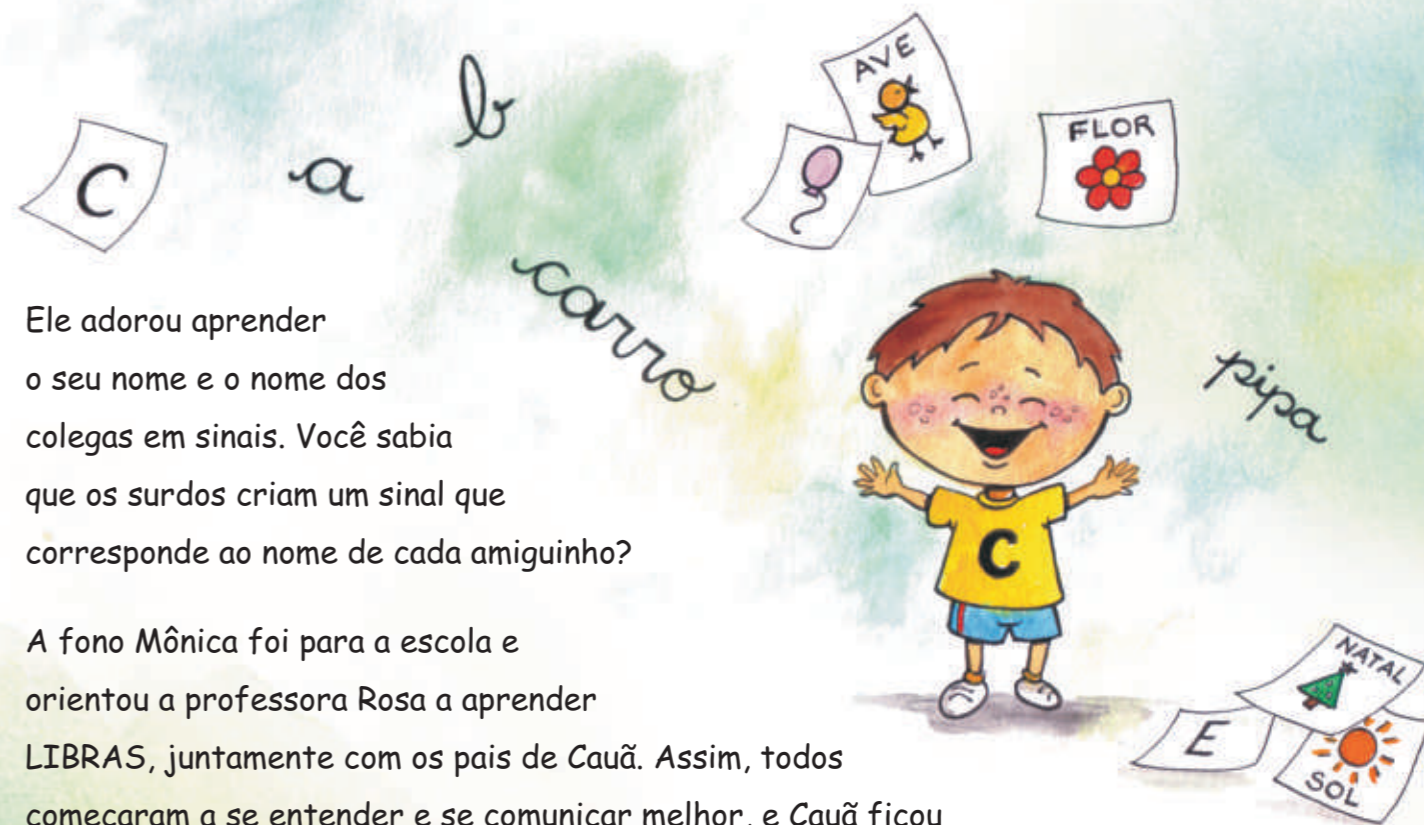


Outras, como Cauã, eram surdas desde que nasceram e faziam sinais, falavam com as mãozinhas e usavam a LIBRAS (língua brasileira de sinais) para se comunicar.



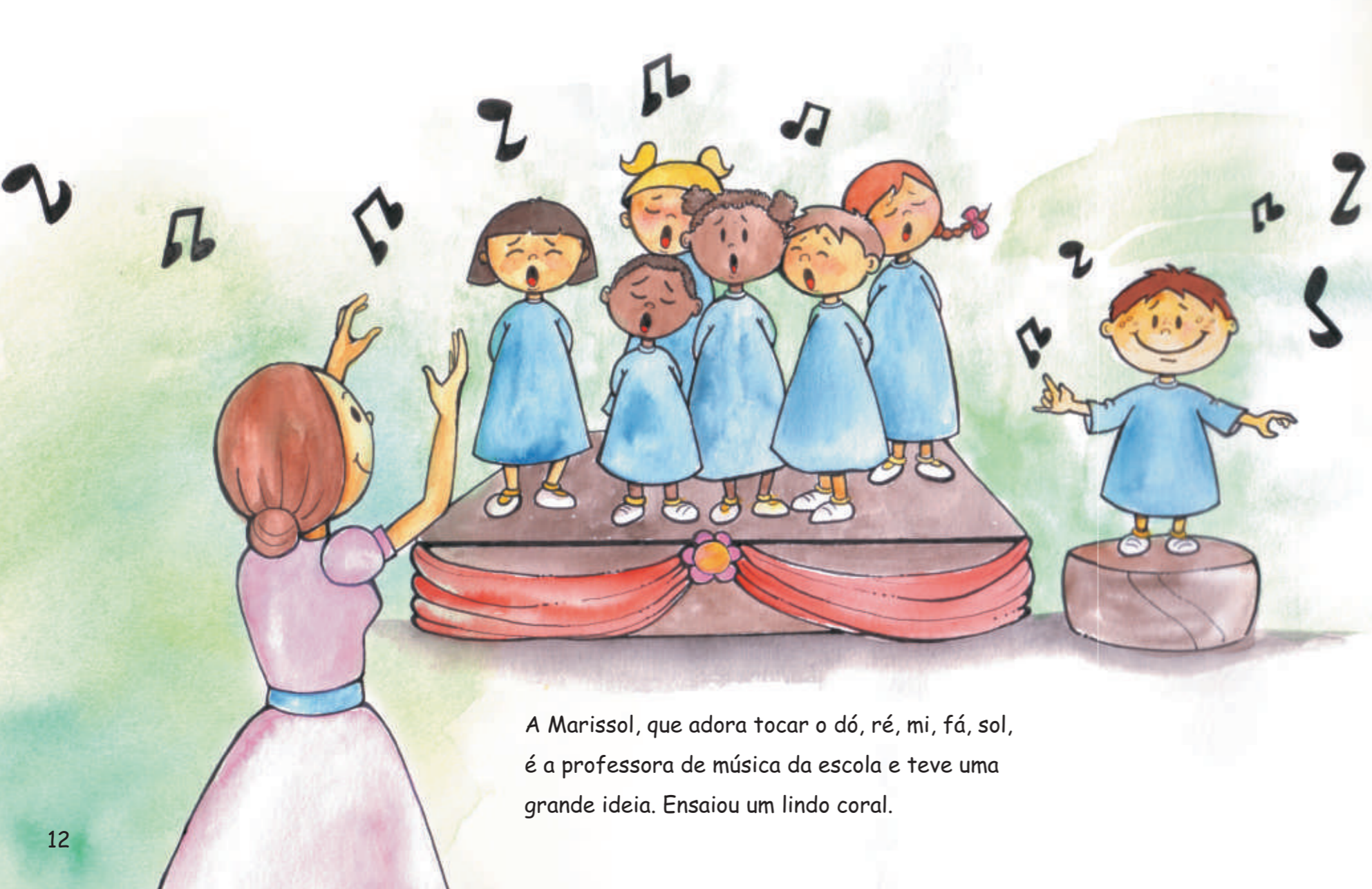


Cauã, que já estava com quase 6 anos, começou então a entender muitas coisas. O mundo passou a ter significado. A primeira coisa que a fono Mônica fez foi colocar nomes escritos nos objetos da casa de Cauã, da sala da instituição e da escola.



Ele adorou aprender o seu nome e o nome dos colegas em sinais. Você sabia que os surdos criam um sinal que corresponde ao nome de cada amiguinho?

A fono Mônica foi para a escola e orientou a professora Rosa a aprender LIBRAS, juntamente com os pais de Cauã. Assim, todos começaram a se entender e se comunicar melhor, e Cauã ficou muito mais feliz. Ele passou a aprender as letrinhas do alfabeto e os seus sinais; e fazia todas as lições que a professora ensinava.



A Marissol, que adora tocar o dó, ré, mi, fá, sol, é a professora de música da escola e teve uma grande ideia. Ensaiou um lindo coral.

Explicou para as crianças ouvintes, amigas de Cauã, que o ritmo vem do coração, e mostrou como ele poderia sentir a música através da vibração, tocando as mãozinhas na caixa de som, sentindo o tremer e o vibrar das ondas sonoras.

Na apresentação do coral, as crianças ouvintes cantavam e Cauã fazia a tradução das músicas em LIBRAS, cantando com as mãos, mostrando a todos que o ritmo nasce do coração e os sons e os movimentos podem nascer do silêncio.

As crianças gostaram tanto que também quiseram aprender a falar com as mãos. E Cauã as ensinou.

Hoje, Cauã tem muitos amigos: amigos surdos como Maria Inês, que fala LIBRAS com muita rapidez; o Maurício, que usa aparelho, sabe falar e gosta de desenhar; e também a dona Anita, que já é idosa e ficou surda há pouco tempo. Amigos ouvintes, ele também tem muuuitos...



Agora, ele sabe ler e escrever, frequenta a escola e a instituição em que trabalha a fonoaudióloga Mônica. Nos finais de semana, joga futebol, adora fazer seus desenhos — que, aliás, estão cada dia mais bonitos e coloridos. Cauã entende as pessoas, o significado das coisas e o mundo.

E a casinha amarela? A casinha amarela está sempre cheia de gente; são os amigos de Cauã, que adoram sua companhia, e também de seu Alceu e dona Bela, que, muito tagarela e contente, faz cachorro-quente para todos.



Teste da orelhinha:

Conhecido popularmente como teste da orelhinha, trata-se de um exame que pode detectar se o recém-nascido tem algum déficit auditivo e evitar problemas na fala e no aprendizado da criança. A avaliação é rápida e indolor.

Existe desde os anos 90, sob vigência de leis de obrigatoriedade, em diversas maternidades.

A média brasileira de diagnóstico de surdez está em torno dos três a quatro anos de idade – o que é tarde, pois uma criança com problemas auditivos deve começar a utilizar o aparelho de correção até os seis meses, para evitar comprometimento posterior.